

Euforia cíclica

MÁRCIO C. COIMBRA

O governo Lula busca, de forma incansável, o crescimento econômico – de forma sustentada, para que o Brasil cresça de maneira consistente por uma década, ressalta sempre o presidente. Algo bastante lógico, já que, em uma economia forte, mais empregos são criados. Quando a economia cresce, novos postos de trabalho são gerados e antigas vagas podem também voltar a ser ocupadas. Quando o PIB aumenta, o emprego surge, e aquilo que mais assusta a equipe econômica acontece: o consumo emerge, gerando inflação.

Tudo parece um ciclo. Quando a economia brasileira não cresce, vítima de políticas governamentais desastradas ou recessivas, não há preocupação com o nível de inflação, pois não ocorre aumento no consumo. O Plano Real, idealizado na década passada, parece ter se estabilizado, nos últimos anos de FHC e na Era Lula, dentro desta lógica: esmaga o consumo para evitar aumento de preços. Assim, o governo petista caminhou até a presente data: sem inflação, mas também sem crescimento. Entretanto, a falta de crescimento da economia gera falta de empregos. O resultado foi o esperado: o desemprego aumentou no governo atual, ou seja, àqueles 10 milhões de empregos prometidos durante a campanha, já se somam mais alguns milhões, perdidos na conduta da orquestra sob a batuta do maestro Lula.

Agora a administração Lula apresenta números que evidenciam o crescimento de nosso País. Alguns ministros mais otimistas, como o do Desenvolvimento, Luiz Fernando Furlan, acreditam que o Brasil pode chegar a crescer até 5% em 2004. Podemos chegar lá, entretanto ainda seria pouco, considerando-se o fato de que no ano passado a economia brasileira recuou 0,2%. Teríamos em média, um crescimento de 2,5% em dois anos, o que está aquém do necessário. Precisariamos de mais para acompanhar o fluxo de trabalhadores que todos os anos começam a busca pelo emprego. Precisamos de mais para nos recuperar do desastre de 2003 – um crescimento em torno de 7% em 2004, simplesmente para manter o nível de desemprego estável, crescendo à média de 3,5% em dois anos. Contudo, o que vemos hoje ainda é pouco.

Mesmo sendo pouco, ou seja, um crescimento insuficiente para aqueles que buscam lugar no mercado de trabalho, esse tímido suspiro da economia, circulando mais riquezas no País e, conseqüentemente, gerando mais consumo, foi responsável por acordar o dragão da inflação. A medida será a mesma de sempre – os juros serão aumentados para conter o consumo, ministrando uma espécie de sonífero no dragão. Entretanto, esse aumento de juros, que tem por objetivo frear o consumo, vai frear também a produção, afetando os empregos de forma negativa, inibindo o crescimento. A questão reside em saber como crescer, gerando empregos, de forma sustentada, sem acordar o dragão.

A solução existe, mas seu custo político é enorme. É preciso criar um ambiente seguro para a realização de investimentos de qualidade, ou seja, estabelecer regras claras e adequadas à realidade para aqueles que correm o risco de empreender e geram riqueza e empregos. Precisamos de reformas em diversas leis e especialmente em dispositivos constitucionais que se caracterizam por proteger o privilégio de setores extremamente corporativos que, ao defender seus interesses, impedem o desenvolvimento, a modernização e a geração de riqueza e empregos no Brasil. Precisamos reformar, ou seja, adequar à realidade a legislação trabalhista, sindical, ambiental, tributária, ditar marcos regulatórios consistentes e estáveis, que propiciem o empreendimento e a geração de empregos. É necessário diminuir a burocracia, o tamanho do Estado e, assim, baixar a ultrajante carga tributária, golpeando práticas como o assistencialismo e o clientelismo. Somente dessa forma um crescimento consistente e duradouro terá início. Neste ambiente, de um capitalismo protegido pela vigência de um Estado de Direito consistente, baseado em instituições sólidas, produção e consumo podem avançar sem solavancos ou guinadas populistas repentinas, estabelecendo crescimento e geração de empregos com inflação baixa.

Enquanto as reformas não forem completadas em sua plenitude, o Brasil continuará sua trajetória de vitórias e derrotas, alternando momentos de euforia e incerteza. Votar pequenas leis que sempre retiram o País do abismo no último momento não gera efeitos no longo prazo, somente votos. Aquele que ocupa o Palácio do Planalto precisa de coragem para realizar as mudanças que o País precisa sem guinadas paternalistas ou práticas populistas. Chega de euforias cíclicas, o Brasil e seus líderes precisam de maturidade, seriedade e responsabilidade.

MÁRCIO C. COIMBRA, advogado, é professor de Direito Constitucional e Internacional do UniCeub.